

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Movimento iniciado em 2017, No Setor busca transformar o Setor Comercial Sul em um área pulsante e criativa, em que pessoas de todo o Distrito Federal possam usufruir com segurança e tranquilidade

Centro da cidade cheio de vida

» ISABELA BERROGAIN

Fotos: Ed Alves/CB/DA Press

O anseio de transformar um espaço visto como abandonado pela sociedade foi o ponto de partida do No Setor, movimento que surgiu em 2017. Com a intenção de entender e pensar a cidade, além de integrá-la com as pessoas que nela vivem, o instituto tem como objetivo ocupar o espaço urbano por meio de projetos de característica social, socioambiental e cultural, fazendo com que o centro de Brasília se torne cada vez mais democrático.

Rafael Reis, diretor-presidente do instituto, pondera que fazer a ocupação do Setor Comercial Sul é uma forma de ressignificar o olhar da cidade para o centro. “Precisamos mostrar que a área central de Brasília pode ser pulsante, vibrante e um espaço de encontro e celebração da cultura brasiliense, não um local de medo”, declara um dos líderes do movimento.

“O centro de Brasília é uma área segura, de muita criatividade e potencialidade”, continua Rafael. “Se a gente traz todo mundo e movimentamos esse ecossistema, temos condições de competir com grandes centros do país. Hoje, Brasília é o terceiro maior adensamento urbano do país, ficando atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro”, ressalta o diretor.

Ocupação

“Numa cidade que tem envelhecido e que temos cada vez mais



O No Setor propõe ocupar o Setor Comercial Sul por meio de projetos sociais e culturais

problemas para ocupação nas entre-quadradas, por que o centro de Brasília não pode se tornar uma Lapa do Rio de Janeiro ou a Baixa Augusta de São Paulo?”, indaga.

Nas redondezas da Rodoviária e de estações de metrô, trata-se de um centro que, inclusive, não é composto exclusivamente por moradores do Plano Piloto, pontua Rafael. “Eu brinco que a área central de Brasília é mantida por pessoas de todo o Distrito Federal. É gente de Planaltina, Recanto das Emas, Brazlândia, Guará que passa diariamente aqui, consome do comércio,

vai aos bares e restaurantes e ajuda a manter viva a cultura e manter vivo o Setor Comercial”, aponta.

Em meio aos projetos do instituto, ele destaca o SCS Tour, que apresenta a região para o público que ainda não a conhece. “É muito interessante ver o olhar de surpresa quando descobrem que essa área abriga um dos maiores painéis de Athos Bulcão ou um prédio do Oscar Niemeyer. São vários elementos dessa Brasília que são conhecidos no mundo todo e que as pessoas não sabem que existem aqui também”, enfatiza Rafael.

“A Brasília construída a partir do que o Lucio Costa e o Oscar Niemeyer apresentaram, o mundo todo conhece. Mas a capital real, de carne e osso, é muito complexa”, avalia. “Ela parece, à primeira vista, uma cidade fria, fantasma, mas é apaixonante, feita de gente de todos os cantos do Brasil”, descreve.

Muito trabalho

Apesar de hoje ser ocupado por escritórios de arquitetura, galerias de arte e casas noturnas, o Setor

Comercial Sul ainda precisa de muito trabalho. “Quando a gente passava por aqui, via todas as lojas fechadas, com uma taxa de desocupação gigantesca. E ela ainda é enorme. Por isso, precisamos fazer a cidade acreditar no Setor Comercial — temos um monte de espaços a serem ocupados”, incentiva o diretor.

Rumo aos 10 anos de movimento, o desejo do No Setor é que, na próxima década, a capital se torne um lugar verdadeiramente democrático, segundo Rafael. “Hoje, Brasília é uma das cidades mais desiguais do

O centro de Brasília é um espaço seguro, de muita criatividade e potencialidade”

Rafael Reis, diretor do coletivo No Setor

mundo, e essa desigualdade reflete em tudo. No acesso à educação superior, no mercado de trabalho, no acesso aos equipamentos culturais, nos produtos culturais...”, lista.

“Então, o que o No Setor quer é que, daqui 10 anos, a nossa luta por uma cidade realmente democrática tenha sido alcançada. Que a capital seja um lugar onde as pessoas possam ter acesso à sala de cinema, ao teatro, a shows, à moradia e à alimentação de qualidade. E que isso não seja desfrutado só por uma camada da sociedade”, almeja Rafael.

Um sonho feito de páginas

O soteropolitano Luiz Amorim chegou a Brasília em 1973, quando a cidade tinha apenas 13 anos e ele, 7. Em busca de uma vida melhor, a mãe, recém-separada, chegou à então intitulada Capital da Esperança para trabalhar como diarista, enquanto os seis filhos faziam bicos como engraxates e capinadores para ajudar em casa. Fruto de família humilde, Luiz viu a vida começar a mudar de rumo aos 12 anos, quando começou a trabalhar como açougueiro na Asa Norte.

Morador do Gama, o então adolescente sonhava em viver no Plano Piloto, região onde a mãe trabalhava. “Um dia, um amigo me falou que estavam precisando de um açougueiro na 312 Norte. Eu vim e estou aqui até hoje”, conta Luiz. À época, morando nos fundos da loja, ele utilizava do tempo livre para ler. Alfabetizou-se aos 16 anos e, aos 18, leu o primeiro livro, um gibi de filosofia.

“Como nossos clientes eram politizados e tinham um nível cultural muito bom, comecei a conversar com eles sobre o que lia. Eles adoravam, achavam interessante um

açougueiro que discute literatura, política e filosofia”, relata. Teve ano, ele conta, que chegou a ler de 10 a 15 livros por mês, em meio a obras de Sócrates, Nietzsche e Platão. “O que me davam na mão eu lia. Tinha fome pelos livros”, define.

Aos 29, Luiz teve a oportunidade de comprar o estabelecimento em que trabalhava desde a adolescência. Rebatizou o espaço de Açougue do T-Bone e, quase que imediatamente, passou a oferecer aos clientes mais do que os cortes de carnes: ele disponibilizou, de forma gratuita, livros à comunidade. “A gente começou colocando livros aqui no açougue, timidamente. Aí o público foi doando também e, quando nos demos conta, chegavam clientes com caixas cheias para doação”, lembra o açougueiro.

A partir da iniciativa, Luiz se tornou responsável por um projeto ainda maior — em 2007, liderou o desafio de levar a literatura para os pontos de ônibus. “Fizemos um acervo bem interessante e montamos uma estante na parada da 712 Norte”, relata o açougueiro. “A ideia

inicial era manter apenas uma dessas bibliotecas. Porém, houve uma mobilização muito grande, abrimos na parada em frente e assim foi...”, rememora.

No auge, foram cerca de 35 pontos de ônibus com as estantes, com uma circulação de 300 mil livros por ano. “Recebemos até uma menção na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como maior projeto de incentivo à leitura do mundo”, destaca Luiz. Até hoje, as paradas da W3 Norte recebem as estantes: “O movimento agora anda sozinho. O pessoal abraçou bastante essa ideia e eles próprios levam novos livros”.

Segundo o idealizador do projeto, foram inúmeros depoimentos de leitores que mudaram de vida com auxílio das estantes. “Encontrei muitos servidores públicos que disseram ter sido aprovados em concursos por conta dos materiais disponibilizados. Conheci até mesmo uma mulher que afirmou que os livros a ajudaram durante um momento de depressão profunda”, narra.

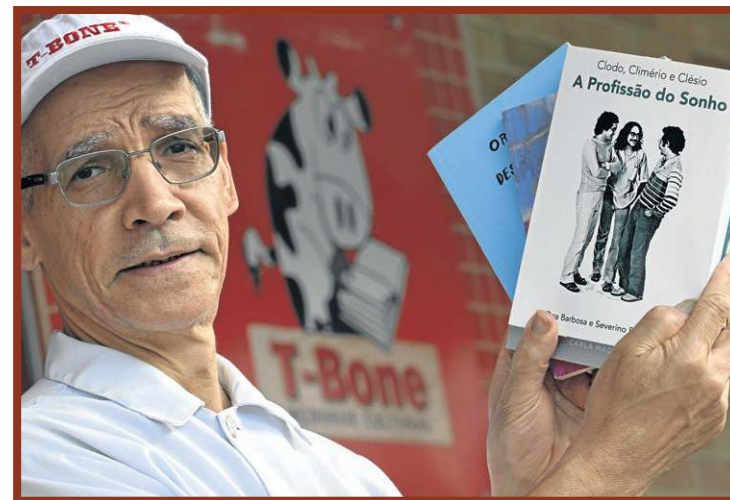
Noites culturais

A imersão na literatura veio a calhar com o Açougue Cultural, que surgiu em 1997. “Além da convivência que eu tinha com artistas da área da poesia, música e literatura, a 312 Norte sempre teve um ambiente muito fértil para o surgimento de projetos como esse”, avalia o soteropolitano. Realizado no próprio estabelecimento, o projeto buscava promover todo o tipo de atividade artística da cidade.

A estreia se deu com o lançamento do livro *Conversa de butiquim*, do autor e jornalista Fafão de Azevedo. “Foi engraçado, porque a primeira pessoa a chegar nesse dia foi o cineasta Vladimir Carvalho. Eu ainda estava lavando o açougue”, ri. “Foi um evento pequeno, com umas 20 ou 30 pessoas. Mas foi interessante, porque conseguimos chamar atenção para os próximos”, ressalta.

No terceiro encontro, ele promoveu uma reunião entre os irmãos Clodo, Climério e Clésio Ferreira, com o lançamento do disco *Tiro certo*. “Eles já tinham encerrado a carreira como trio e conseguimos

Carlos Vieira CB/DA Press



Luiz Amorim é o nome por trás de iniciativas como o Açougue Cultural

reuni-los. Na ocasião, Clodo me disse: ‘Todo mundo vai querer participar desses encontros’. Dito e feito. Ele fez a profecia”, brinca o açougueiro.

Jorge Benjor, Zé Ramalho, Tom Zé e Elba Ramalho são alguns dos nomes que se apresentaram nos eventos. “O Fagner, por exemplo, comemorou os 40 anos dele aqui. Ele mesmo que me ligou, pedindo para participar. Eu pensei que era trote”, admite. Paralelamente, continuavam os encontros literários, binais da poesia e teatros de bolso promovidos pelo açougue.

Com a pandemia da covid-19, no entanto, os eventos foram suspensos e, desde então, não retornaram. “Eu vejo que ficou um vazio na cidade. As pessoas ainda nos procuram para saber se vamos voltar”, revela Luiz. “Existem nomes que gostariam de ter participado e a gente pensa em fazer um evento para celebrar tudo isso que aconteceu”, adianta o açougueiro. Por ora, fica o orgulho de tudo que aconteceu: “Fizemos nosso trabalho, que resultou em um registro muito bom para a cidade”. (IB)

Meu encontro com Brasília

» SEVERINO FRANCISCO

Símbolo da utopia

A minha história com Brasília começa com meu pai, Severino Francisco, pernambucano de Gravatá, que, na década de 1950, chegou ao Planalto Central graças ao dinheiro que ganhava com almanques em versos, que escrevia e vendia. Ao assistir a um vídeo caseiro, gravado por meu irmão, fiz uma descoberta surpreendente. Talvez o meu tenha sido um dos primeiros cronistas de Brasília.

E digo isso porque, antes da inauguração do *Correio Braziliense*, em 21 de abril de 1960, meu pai, Severino Francisco, pernambucano já fazia crônicas rimadas. Poeta popular com formação autodidata e

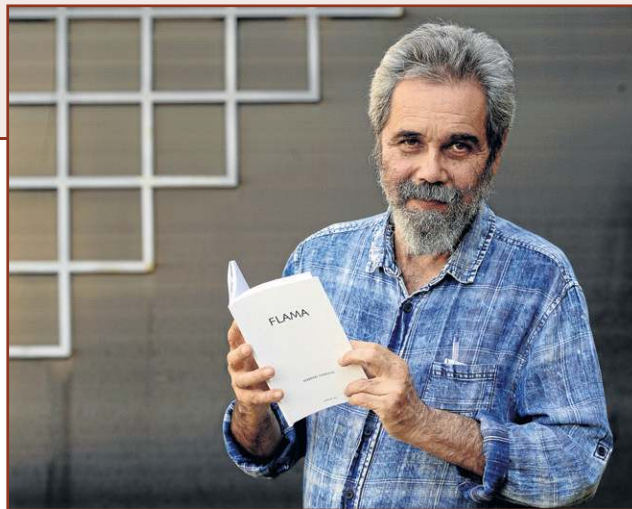
imaginação delirante, conseguiu se formar em teologia.

Meu pai viu Brasília nascer e registrou a aventura nos versos, em um tom também épico: “Eis a nova capital/riscada sob medida/veremos a sua plenitude/depois dela ser construída/lago por todos os lados/beleza e vastidão/espaço e arejamento/tem léguas de pavimento/ainda cheirando a sertão”.

Certo dia, meu pai se encontrou com Juscelino Kubistchek em Taguatinga e fez a seguinte saudação de improviso: “Quero lhe cumprimentar/Brasília é um monumento/Trabalho de nossa gente/Bravura de bandeirante/cabeça de presidente/ agora posso afirmar/que vi a redenção/meus filhos tomaram posse/da terra da promessa/foi a mão da providência/que regeu vossa excelência/para governar nossa nação”.

Nos primeiros tempos, morávamos em Taguatinga e meu pai me levou para ver o

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



Plano Piloto. Eu gostava muito de ler histórias em quadrinhos e, com a silhueta espectral e futurista, Brasília evocava imediatamente os cenários das cidades intergalácticas de Flash Gordon. A cidade espacial era fascinante e, ao mesmo tempo, provocava angústia. Brasília era Flash Gordon envolvido nas

silas do Amaral, Glauber Rocha e Nelson Rodrigues. O contato com essa constelação modernista foi uma revelação.

Sim, nós éramos um país pobre, subdesenvolvido, defasado da ordem mundial. Mas isso não significava que estávamos condenados a rastejar para as outras nações

nuvens de poeira vermelha.

Na adolescência, conheci Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Gilberto Freyre, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, Tar-

mais desenvolvidas. Nós poderíamos fazer grande arte com “a contribuição milionária de todos os erros”, como dizia Oswald. A cultura afirmava a nossa singularidade de mestiços, periféricos, cangaceiros, tortos, gaúchos. Sem negar a nossa história, poderíamos transcender, inventar uma outra beleza, uma outra elegância, um outro destino.

Brasília era o modernismo transformado em cidade. É como se o espírito modernista se materializasse em uma cidade-escola, cidade-tótem, cidade-utopia. Ao longo do tempo, Brasília se tornou uma cidade distópica, cenário para um faroeste caboclo. Mas esse me parece ser um estado circunstancial de exceção. O símbolo da cidade-monumento permanece vivo para nos lembrar que a verdadeira vocação de Brasília é a utopia.

Severino Francisco é jornalista